

Caio Porfírio Carneiro

O COPO AZUL



O autor reúne neste livro quinze contos inéditos, todos de data recente. É a décima publicação exclusiva do gênero. Alguns poucos foram incluídos em outros livros, onde entraram trabalhos diversos.

É vasta a sua obra, que se aproxima dos trinta títulos, dos mais diversos gêneros, do conto ao romance, da biografia à memorialística, da poesia à novela, da literatura infanto-juvenil ao ensaio. É no conto, entretanto, onde encontra o “gênero literário do coração”. A ele se dedicou sempre durante toda a sua vida de escritor. E todos trazem a sua marca personalíssima de qualidade e alto valor literário. Alcançou vários prêmios, alguns dos melhores do País.

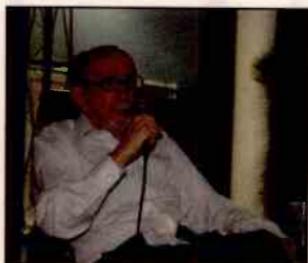
A sua fortuna crítica reúne quase uma centena de nomes de expressões das nossas letras, que se manifestaram sobre o valor da sua obra, todas favoráveis. Contos seus estão em mais de duas dezenas de antologias nacionais e chegaram a outros idiomas.

Os contos aqui reunidos alcançam várias vertentes estéticas da história curta, com a marca bem pessoal do autor: a sutileza, a essencialidade e a extraordinária economia de meios para realizá-los.

Caio Porfírio Carneiro, embora desde a sua estréia no gênero, em 1961, com *Trapiá*, seja senhor do gênero, comprova, com este livro, nesta altura da sua vida, que continua, tal como afirmou um dos seus críticos, “navegando no conto como um peixe na água”.

Perguntado por que o título de *O Copo Azul*, respondeu apenas: “Não sei. É apenas título de um dos contos. Gostei do título. Gostei do copo. E sempre gostei do azul. Fazer o quê?”

Eis um livro de Contos de um contista há muito tempo aplaudido e consagrado pela crítica.



Caio Porfírio Carneiro é ficcionista com mais de vinte livros publicados nos gêneros romance, novela, conto, reminiscência e literatura infanto-juvenil. Recebeu diversos

prêmios, entre outros, o *Afonso Arinos*, da Academia Brasileira de Letras, com o livro de contos *Os Meninos e o Agreste*, e o *Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro, com *O Casarão*, mesmo gênero. O romance *O Sal da Terra* foi traduzido para o italiano, árabe e francês, com duas adaptações técnicas para o cinema. Está presente em mais de duas dezenas de antologias de contos, vários deles traduzidos para diversos idiomas. Colabora em suplementos e revistas literárias do País.

SCOR
Editora
TECCI



Do avião
Nilton Maciel,

este copo cheio de
contos, com o sabor de
a amizade de

02/08/09

O COPO
AZUL

APOIO
Sérgio Valente

ARTE DA CAPA
Rodolfo Hey Toccacelli

CONTATO COM O AUTOR
caio@ube.org.br

Caio Porfírio Carneiro

O COPO AZUL

UBE
& SCORTECCI

Copyright© Caio Porfírio de Castro Carneiro

4875/1 – 500 – 72 – 2009

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(a) autor(a),
proprietário(a) do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carneiro, Caio Porfírio
O copo azul / Caio Porfírio Carneiro. --
São Paulo : Scortecci, 2009.

ISBN 978-85-366-1478-6

1. Contos brasileiros I. Título.

09-04196

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

Grupo Editorial Scortecci

Scortecci Editora

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefax: (11) 3032-1179 e (11) 3032-6501

www.scortecci.com.br

editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça

www.asabeça.com.br

*Aos meus familiares
e aos amigos que somei
ao longo da minha vida.*

Sumário

O ponto	9
A resolução	13
Maria Viviane	17
Paz	21
Mão espalmada	23
E daí?	27
Unção	31
A procura	37
Capuz	39
O copo azul	45
A gota latejante	49
A lição	51
O opúsculo	53
Pois é	55
O encontro	59
A decisão	61
Caminhada	63
A travessia	65
Pássaros	67
Obras publicadas	69

O ponto

Sentado nesta cadeira, mais velha do que a minha idade, miro há dias o ponto distante. Lá longe, nos confins. E me aumenta, há dias, a angústia de não alcançá-lo. Há dias. Inadiável que o alcance, para que me justifique, para sempre, de tudo o que ao longo da jornada não justifiquei. E ele lá, ao longe, sempre vívido e pulsante. E nesta cadeira, mais velha do que a minha idade, há dias, há muitos dias, acumulo disposição para a inexorabilidade da ida. Minha jornada me inferniza.

É levantar e partir, que ao meu encontro ele nunca virá. Ele suprirá a essencialidade da minha própria vida. Há dias a irresolução. Mas a minha jornada necessita da ponderabilidade da remissão.

Suspiro fundo, o estirão à minha frente, apoio-me na bengala, firmo o boné com a altivez que nunca tive, abotôo o sobretudo, que a névoa anuncia frio. Tão leve, que daqui o vejo, lá nos confins, parado, acusando-me.

Meus passos começam trôpegos, paralisados que ficaram com a minha indecisão. Mas vão se firmando, vão, os passos e a minha resolução. Quase um compasso

militar. Apressam-se as batidas dos pés no chão áspero, cadenciados pelo contra-ponto da bengala. Indispensável alcançar o ponto, justificativa da minha jornada.

– Bom dia.

– Bom dia.

Passam por mim e vão acabrunhados. E ele lá, o ponto, no ponto de espera, nos confins. Eu não tirava os olhos dele e ele, sem gestos, à espera, em perpétuo chamamento. A minha indiferença ao longo da jornada, as minhas irresoluções, as minhas indecisões, as minhas justificativas a mim mesmo, nada me valeram e estou aqui, depois de dias e dias de inquietações lá na cadeira, mais velha do que a minha idade.

As passadas apressam-se, pouco me importando as dores nos pés, nas juntas, nos ossos. E as batidas da bengala no chão tão áspero que me lembra a minha jornada, agora mais fortes, confirmando a decisão tomada. Indispensável alcançá-lo, lá longe, sempre silente, à espera.

– Bom dia.

– Bom dia.

Passam por mim, indecisos, acabrunhados. Podem passar quantos queiram. Pares, grupos, multidões, a humanidade inteira.

E lá, nos confins, agora o seu perfil impreciso, esperando, num chamamento atroz. Tão distante e tão no mesmo lugar. E os pés me doem, e as juntas me doem, e

os ossos me doem, e os olhos me cegam, dando-me a incerteza do seu perfil indeciso, impreciso, mas em perpétuo chamamento. As batidas da bengala já não são tão firmes. Trêmula em minha mão, é mais um arrimo.

– Bom dia.

– Bom...

O ponto lá, verdadeiramente inatingível. E já não era a ida. A bengala desenhava no chão arabescos de cajado. Era o retorno, trôpego, arfante, ao início da partida, à cadeira vazia que me esperava. E ninguém transitando ao longo do retorno, que não me distanciava do ponto, lá, sempre lá, incógnito e presente.

Não me sentei na cadeira. A ela me entreguei. Pernas trôpegas, doloridas, trêmulas. A bengala, livre dos meus dedos, ali estirada ao lado, sempre pronta para servir-me neste final de jornada. De nada me valera a indecisão de dias.

Sentado nesta cadeira, mais velha do que a minha idade, apenas o desalento.

A voz leve, talvez da minha consciência, advertiu-me:

– Já alcançou o fim da sua jornada.

– É necessário alcançar o ponto, sanar as culpas.

– Muitos e muitos, do mais antigo antanho, tentaram em vão.

– Muitos por mim passaram, na minha ida.

– E continuarão passando, sem solução.

– Mas o ponto lá está, à espera, quase um chamamento.

– Não está tão longe. Esteve sempre em você.

– E por que lá nos confins?

– Projeção da sua própria realidade.

O sono me veio chegando.

E o repouso definitivo foi apagando o ponto antes que eu sanasse as culpas da minha longa jornada.

São Paulo, 11 de janeiro de 2006.

A resolução

Tarde da noite. Tão tarde que a noite parecia não ter fim. E o vento brando, constante e quase imperceptível, vibrava no caixilho solto da janela.

Ela, insone, camisola puída, levantou-se da cama, que rangeu mais alto, porque rangia a qualquer movimento dela, pelo tato alcançou os chinelos, pelo tato foi até à janela, abriu-a, a vibração do caixilho cessou, e olhou lá fora. Alcançou o vulto das árvores, do cercado, do animal deitado junto ao mourão.

Tão tarde e ele não chegava. A noite avançava para o dia. Fechou a janela, o caixilho tornou a vibrar, arrastando as chinelas voltou para a cama, e ao ruído da cama somou-se o ruído da porta, e o vulto dele surgiu. Sentou-se na cama, esperançosa, dedos cruzados:

– Vendeu?

Sentou-se na rede armada em frente à cama, pequeno embalo pisando nas alpercatas com os pés doloridos, camisa rajada de remendos:

– Não.

E a venda precisava ser feita, a terrinha era boa, o casebre bem seguro nos mourões fortes, e a criação não era tão rareada assim.

De permeio o silêncio, o rangido da cama, dos armadores da rede, a vibração do caixilho e os rápidos estalidos do óleo no pavio do lampião.

O sítio, quase fazenda, que o filho, falecido tão moço, deixou no Sul, estava esperando. Terras de verde constante, ali no documento.

– A gente precisa vender. Ir embora. Tomar conta do sítio bonito, que o coitado do nosso filho deixou.

– Eu sei, mulher.

– A gente pode baixar o preço.

– Já baixei demais.

– A gente pode deixar alguém tomando conta.

– Só saio vendida. A gente vai pra longe.

– E o que a gente faz?

Embalava-se na rede, buscando uma solução. Ela ampliava o rangido da cama, buscando uma solução.

O caixilho da janela vibrava mais intensamente, como se buscasse, ele também, uma solução.

O dia veio e seguiram-se outros dias. A cama continuou a ranger e ela a levantar-se e a olhar o estirão lá fora. O caixilho vibrava e emudecia quando a janela se abria e fechava. Ele continuando a retornar das longas caminhadas, levando sua oferta, iniciadas durante o dia e terminadas altas horas.

– Vendeu?

– Não.

A esperança dela foi se desvanecendo e o belo sítio, quase fazenda, lá no Sul, morrendo na distância. Os embalos dele diminuíaam e a quase fazenda diluía-se muito longe.

Depois da caminhada tão longa, ela na cama olhou para ele, ele na rede olhou para ela, e no cessar do ranger das molas, dos armadores, no silêncio do caixilho, cresceu a resolução entre os dois:

– Vou consertar a cerca caída.

– E eu vou preparar aquele canteiro perto do poleiro.

Ele apagou o candeeiro, e depois de noites e noites de vigília e cansaço dormiram em paz.

Maria Viviane

Fivela prendendo os cabelos não bem penteados e de fios prateados, vestido azul desbotado, mancando da perna, ela percorria as vielas estreitas do cemitério, tentando, os olhos meio fechados da miopia, ler as lápides dos túmulos, alguns quase capelinhas, outros ao pés-do-chão. Desorientava-se. Via-se perdida entre cruzeiros. Ia e vinha, tentando ler.

Viu o homem que passava empurrando o carro-de-mão cheio de tijolos.

- O senhor sabe onde é que está a Maria Viviane?
- Maria de quê?
- Viviane.
- Não sabe o número da quadra?
- De quê?
- Da quadra.
- Não.
- Vá na administração. Lá eles informam.
- Onde é?
- Logo na entrada.

Perdeu-se muito para encontrar o pequeno escritório. O homem calvo examinava o livro aberto sobre o balcão, fazia anotações, não compreendeu bem o que ela dizia:

– O que é mesmo, minha senhora?

– A cruz de Maria Viviane.

– Maria de quê?

– Viviane.

– Como é o nome completo dela?

– Eu não sei.

– Não sabe qual a quadra, o número da rua? Tem lápide?

– Tem o quê?

– Lápide. Nome dela gravado, data do nascimento e morte, essas coisas.

– Não sei.

– Assim fica difícil. Como é mesmo o nome completo dela?

– É Maria Viviane.

– Nome bonito. Mas deve ter sobrenome. Não sabe mais nada sobre ela, data da morte?...

Ela saiu desorientada, sem saber onde encontrar Maria Viviane naquele oceano de túmulos e cruzes. O homem calvo ainda a chamou:

– Volte aqui. Vamos ver...

Foi crescendo dentro dela uma pena enorme de Maria Viviane, perdida no oceano de cruzes. Resolveu

ir embora, manquitolando, apressada. O homem calvo chamou-a:

– Ei, minha senhora. Encontrei o nome dela. Sei onde está.

Não lhe deu atenção. Atravessou o grande portão, apressada, manquitolando junto ao muro alto do cemitério, amparando-se nele, uma angústia enorme no coração.

Desapareceu na esquina no vestido azul desbotado, a fivela prendendo os cabelos não bem penteados e de fios prateados.

São Paulo, 08/05/2006

Às 15:23

Paz

Nada tenho a dizer-te de amor. Tudo tenho a te dizer de desamor. Pouco me importa que fiques aí encostada ao umbral da porta, nesta obscuridade. Sinto que me olhas, triste e esquiva, e, sem ter o que fazer com as mãos, cruza-as ao peito, como em defesa. Essa postura de contrição irrita-me e me maltrata. Sufoca-me.

Nada tenho a dizer-te de amor. Tudo tenho a te dizer de desamor. Mas as palavras não me socorrem e permaneço mudo, tão mudo quanto as mudas palavras. E a chama do desgosto que me palpita e me crepita de ódio o coração cresce de intensidade.

Então é levantar-me e caminhar até à farfalhante área. Olhar o céu bonito, os pássaros nas árvores, o beija-flor, talvez sempre o mesmo, parado a bicar a roseira.

Ela, porém, me acompanha, uma sombra e uma sentinela, numa inexorabilidade sem fim. O seu perfil sempre à espera, não sei do quê, eis que nada mais tenho a dizer de amor, bendito amor, que se espiralou, sublimou-se e desceu em chama de desamor.

E ali está o tempo bonito, a aragem fresca, capuchos brancos no céu, o beija-flor voando parado, beijando a flor da mesma roseira, tudo me acenando em chamamento benfasejo. Mas a presença silente dela acompanha os meus passos, contrita, piedosa, ímã que me atrai e me impede que alcance toda a minha repulsa.

Podes continuar seguindo os meus passos, que nada tenho a dizer-te de amor. E tudo tenho a te dizer de desamor, em palavras escritas ou faladas, que não me acodem, nem quando me envolvi muitas vezes de solidão, irremediavelmente narcotizante, como se eu girasse sozinho no mundo, levando-me quase ao pânico.

O chamamento de beleza e luz lá fora, e o reverso da postura dela, piedosamente calada, em humildade beneditina, quase sacralizada, olhos aflitos para mim, que os vejo sem olhar, que suplicam aflitivamente e silentes, jogam-me neste redemoinho atroz.

Nada, nada, nada tenho a dizer-te de amor. Tudo, tudo, tudo tenho a te dizer de desamor. E de nada me vale o socorro. Meus limites fogem, minhas latitudes levitam-me ao plano de um beija-flor, sem rosa que me ampare.

A angústia é tanta que me viro palpitante.

Os braços dela se estendem.

Fusão silenciosa, que me conduz, que nos conduz, à salvação e à paz.

S. Paulo, 04/06/2006

Mão espalmada

Ela morava em frente à minha casa. Sozinha. Pelo menos nunca vi ninguém entrando ou saindo de lá, a não ser ela.

Saía todos os dias, cedinho, pelas sete da manhã, sempre de sombrinha aberta, fosse dia bonito ou feio, chovesse ou fizesse sol.

Nem alta e nem baixa. Nem gorda e nem magra. Nem bonita e nem feia. Nem bem vestida e nem mal vestida. Mais nova do que velha. Idade indefinível.

Agora: risonha. Risonha para todos da rua. Um riso meio encolhido, nada expansivo, quase de timidez.

Mas com ninguém da rua conversava. Apenas sorria e cumprimentava, nas saídas pela manhã e nas voltas à tardinha. Sempre pontual nas idas e nas voltas.

Quando eu a via da janela, do outro lado da rua, saindo da sua casa de porta e janela, menos do que modesta, aguardava o seu cumprimento. E ele vinha. Sempre igual. Uma espécie de adeus, os dedos da mão

abertos, jeito só dela. Nunca vi outro igual. Levantava o braço rapidamente, a mão espalmada, o sorriso recolhido, e lá se ia.

Nunca soube o seu nome e creio que na rua ninguém a conhecia de perto. Respondiam ao seu cumprimento automaticamente.

Na solidão da minha aposentadoria, sem ter o que fazer, pensei um dia seguir-lhe os passos, saber para onde se dirigia. Nos fins de semana ninguém a via, nem eu da minha janela. Entrava com sacolas, certamente de compras, e a sua porta e a sua janela não se abriam.

Na segunda-feira, os mesmos cumprimentos a todos, na saída, na chegada. Cumprimentava até os desconhecidos que passavam na rua.

A minha curiosidade foi crescendo. Qualquer dia iria segui-la, de longe, saber aonde ela ia. Coisa de velho que não tem melhor coisa a fazer.

Pois chegou o dia. Vesti o paletó de pouca serventia, fiquei de plantão à janela, depois do cumprimento, espalmando os dedos da mão, a sombrinha firme na outra. Nunca a vi de bolsa tira-colo.

Disfarcei uns minutos, menos que isto, esperando apenas uma distância razoável.

Ela atravessou a rua para a calçada do meu lado e dobrou a esquina. Tranquei a casa e fui-lhe ao encalço. Ao chegar à esquina, vi-a caminhando, passos curtos, cumprimentando os que via.

Andou um, dois, três quarteirões. E eu no seu passo.

Foi quando se formou uma rápida confusão num bar, justamente quando ela passava, e homens, trocando palavras, corriam e atiravam. Notei quando ela caiu, atingida por um disparo, que aquele bar era uma baderna dia e noite. A sombrinha voou-lhe da mão e eu, em pânico e acovardado, voltei quase correndo para casa.

O dia todo esperei, no rádio e na televisão, a notícia do crime, se é que ela morrerá. Eu olhava seguidamente a rua e a tranqüilidade dela era a mesma. Pensei em falar para os vizinhos, mas nem isto fiz. Fui à janela para esperar-lhe a volta. É claro que ela não voltou.

Certamente fora um crime banal de bala perdida, numa cidade de muitos crimes maiores. Tal prova é que só no terceiro dia li, num dos jornais, que uma mulher, não identificada, fora morta por um disparo, não se descobrira de quem.

Uma força maior leva-me todos os dias a esperar que ela saia de casa e me faça a saudação, com aquele riso tímido e a mão espalmada. Uma força maior leva-me a esperá-la à tardinha, e antes de entrar em casa e cumprimentar a todos da rua, que sempre respondem com indiferença, metidos que estão em suas vidas, cumprimentar-me também.

Nunca vi ninguém vir abrir a casa, que continua fechada. Nunca ouvi ninguém perguntar por ela.

Mas me vem, até em sonho, e me traz uma saudade imensa, aquele gesto de saudar-me, que nunca recebi de outra pessoa, o sorriso meio tímido e a mão espalmada na minha direção.

Os dedos daquela mão espalmada ficaram-me mais na lembrança, na saudade e até no coração, do que tudo o mais dela.

E continuo olhando a sua casa.

Só olhando.

(Fortaleza, 1º de julho de 2006, dia do meu aniversário, na sala de jantar da casa da sobrinha Laís Helena, às 20:45.)

E daí?

– E daí?

– Daí eu vi tudo. Ali atrás daquela árvore, perto do lixão. Vi morto de medo. Eu vim pro lado de cá catar coisa e ela foi pro lado de lá catar também. Pra gente vender lá no depósito.

– E daí?

– Daí já tava assim escurecendo e a gente pensou em ir embora e voltar amanhã, porque o caminhão despeja aqui muita latinha boa. E ferro também. A gente ganha algum lá no depósito. Ela é viva, sabe catar melhor do que eu.

– E daí?

– Daí chegou o soldado meio branco e pegou ela pelo braço. Não vi rádio-patrolha, que ela não anda aqui por causa dos buracos. Arrancou o saco, com muita coisa dentro, da mão dela. Porque ela junta e junta com o que eu junto e depois, no apurado, a gente divide.

– E daí?

– Daí o soldado olhou para os lados, não viu

ninguém, e eu me escondi aqui. Ele começou a gritar para ela que ela cheirava cola. Mentira. A gente não cheira na-da. Ele jogou o saco dela longe, com tudo que tinha dentro, e gritava com ela, olhando pra todo lado. Ela tossia e nem podia responder. Ele começou a fazer aquilo com ela.

– E daí?

– Daí ela queria gritar e não podia. E ele só bolindo nela, pegando nas coisas dela, rasgando o vestido dela. Eu morrendo de medo.

– E daí?

– Daí chegou o outro, um mais escuro, e os dois fizeram tudo aquilo com ela. Rasgaram ela toda. Ela queria gritar e não podia, por causa do puxado da tosse que ela tem. Eu tremia e o meu coração só faltava sair pela boca. Ela olhava me procurando, mas eu tinha medo de aparecer. Aí era que eu me escondia mais atrás da árvore. Eu me tremia todo.

– E daí?

– Daí deitaram ela naquele mato ali, e caíram em cima dela. Primeiro o guarda mais branco. Ele jogou a roupa dela pro alto. O outro, o mais preto, só olhando, em pé. Eu ouvia a tosse dela.

– E daí?

– Daí o soldado mais branco se levantou, ajeitando a roupa, e o mais escuro deitou também em cima dela. Eu só ouvia a tosse dela, o puxado mais apressado.

– E daí?

– Depois o outro soldado também se levantou se ajeitando. Pegaram ela e a roupa rasgada dela e saíram levando ela. Ela se arrastando, com aquele puxado, procurando se vestir. Dobraram com ela atrás daquele muro.

– E daí?

– Daí eu demorei pra sair daqui, porque eu tinha muito medo.

Os dois não diziam nada, só arrastavam ela.

– E daí?

– Daí eles sumiram com ela. E eu, e eu, e eu... não vi mais nada.

São Paulo, 04/11/2006.

Unção

Era o fim da rua. O fim do calçamento de pedras antigas. E as duas últimas casas, uma de cada lado, portas e janelas fechadas, silenciosas.

Virei-me, o calçamento subia e descia, a rua tranqüila subia e descia, e, lá longe, poucas pessoas cruzando-a.

Para a frente, nenhuma casa isolada. A estrada estreita de barro, carroçável. O capim alto era uma divisória, estendia-se até onde a vista alcançava.

Pensei em voltar, que na manhã ensolarada poucas mãos, como sempre, abriam preguiçosamente algumas janelas. Mas a promessa fora feita e o próprio capim, assoviando na brisa como canavial, a ela se somava num chamamento. Lá longe, à direita, a árvore copada. Lá longe, à esquerda, e outra árvore copada. De uma para a outra os pássaros voavam em descaídas e ascensões rápidas.

Quando me dei conta, o capim me alcançava as coxas e nele eu navegava. O chão úmido, apenas úmido, não me molhava os pés. E eu continuava em

direção da árvore à esquerda. O capim foi se aca-
mando, diminuindo de tamanho, e a árvore, altanei-
ra, surgiu por inteiro. À sombra dela, que pouco far-
falhava o terreno mostrava-se branco como lavado.
Retrato nítido que me voltava e me alcançava a alma.

Ao contorná-la, estanquei, mudo. Ali, aos meus
pés, deitada, cabeça encostada na raiz roliça, mãos
cobrindo os olhos para livrá-los dos raios do sol,
que penetravam entre os galhos, ela, nua, parecia
dormir. Permaneci calado, fascinado. Ela, sem um
gesto, balbuciou:

– Você veio. Eu sabia que viria.

Sentei-me ao seu lado, trêmulo, nervoso:

– Vim quase correndo, pra ninguém me ver.

– Eu também.

Comecei, sofregamente, a me despir. Joguei fora a
blusa, a calça curta, os sapatos. Tal como já a encontra-
ra, fiquei nu em pêlo. Abracei-a. Beije-a no rosto. Os
seus seios nascentes acariciavam-me o peito. Meus de-
dos indecisos marcharam para o seu sexo, liso como
toda a sua pele lisa.

Ela tirou as mãos dos olhos, olhou-me apreensiva:

– O que a gente ta fazendo é direito?

– A gente não combinou?

– Foi.

– A gente fica só abraçado. Assim. Tá gostando?

– Tou.

Alisamo-nos. Pensei em beijá-la na boca e não tive coragem. Beije-i-a nos olhos. Ela os fechou e suspirou:

– Tou sentindo o teu negócio nas minhas pernas.

– Tá gostando?

– Tou. Mas se o papai, ou a mamãe, ou a turma da escola pega a gente...

Empurrou-me para o lado e começou a vestir-se rapidamente.

– Vambora.

Calado, vesti-me também. Levantamo-nos e nos olhamos dentro dos olhos. Meu coração batia:

– Tu gosta mesmo de mim?

– Gosto. E tu?

– Também. Quando a gente volta de novo?

– Depois a gente marca.

Sáimos calados, ela se livrando de ciscos e pequenas folhas no vestido. Alcançamos a estrada. Pássaros iam, em revoadas constantes, de uma árvore para a outra. O amigo do meu pai passava na charrete:

– O que vocês estão fazendo aqui no mato?

Quase morro de susto e não sei como a resposta veio rápida:

– A gente queria ver se encontrava ninho de passarinho.

Ele advertiu:

– Só nos galhos mais altos. Vocês acabam caindo e quebrando uma perna. Não façam mais isto. É perigoso.

Alcançamos a rua, cabeças baixas, sem falarmos nada. Ela se dirigiu, correndo, para o grupo de amigas, que brincavam na pequena praça. Eu me dirigi para o campo de futebol, gritando:

– Ei, pessoal.

À noite, atrás da igreja, ela foi incisiva:

– Você viu. Ele quase pega a gente. Não volto mais lá.

Insisti uma, duas, um milhão de vezes. Ela resistiu e o tempo passou. Ela ficou e eu fui para longe.

Decidi um dia, anos corridos, rever o meu mundo perdido. Ali estava a mesma cidade encolhida e sonolenta, o mesmo andar lento dos poucos transeuntes, as mesmas lojas, quase que as mesmas crianças e adultos. A mesma rua longa, que terminava de repente. O mesmo capinzal. Lá longe as duas árvores e a revoada de pássaros, para lá e para cá.

Nas minhas idas e vindas, lá estava ela à janela da mesma casa onde morava.

– Você ainda aqui?

– Ainda.

– O tempo voou.

– Voou.

E veio o convite, que me palpitou o coração:

– Vamos lá para a sombra da árvore?

– Ainda está como antes?

– Está.

Estava. E ela estava ali, à sombra dela, aos meus pés, deitada, cabeça encostada na raiz roliça, mão cobrindo os olhos para livrá-los dos raios do sol, que penetravam entre os galhos. Nua, parecia dormir. Permaneci calado, observando-a. Nova, alva, seios firmes, cabelo longo e negro, tal como o negro pássaro pousado no vértice das suas pernas.

Ela, sem um gesto, balbuciou:

– Você veio. Eu sabia que viria.

Silenciosamente, despi-me e deitei-me sobre ela. Nenhuma palavra. Ela me abraçou e se entregou. Uma entrega total.

Os nossos suspiros continuados, levados pela brisa e pelo trinar dos pássaros, que continuavam a voar de uma árvore para a outra, libertos do tempo, marcavam apenas a união que se consumia entre nós dois.

A procura

Foi até à esquina, olhou para lá, olhou para cá, indiferente aos carros que chispavam para lá e para cá, ao povo que passava apressado para lá e para cá, coçou o queixo e voltou.

Assim passou toda a manhã, mãos nos bolsos, arrastando os chinelos, camisa puída e meio desabotoada. Até à esquina. Para lá e para cá.

Cansado, suado, sentou-se no degrau de entrada do edifício onde morava. Cotovelos nos joelhos, punhos nas bochechas magras e espinhentas da barba por fazer, olhos no chão, indiferente aos que entravam e saíam. E aos cumprimentos.

As formiguinhas, em fila, coleavam no cimento falho da calçada. E entre elas, por trás delas, surgia, imprecisamente, a figura dela. Corporificou-se um pouco. Chegou a ver-lhe o rosto por inteiro, os olhos negros e cansados, os cabelos compridos, lisos e negros, a gola negra do vestido. Mas foi se diluindo, evaporando-se, ficando só o colar de formiguinhas procurando transpor a falha do cimento da calçada.

Suspirou. Precisava encontrá-la. Não para preencher-lhe os dias, que estes podiam caminhar que pouco lhe importava. As noites podiam se suceder, como se sucediam, que era o destino delas. O sono podia alcançá-lo na cama com o gemido das suas molas, a mesa podia continuar sem alimentos, que isto não o preocupava. Os vizinhos podiam sussurrar, o zelador podia continuar a dirigir-lhe a palavra, que tudo isto era passado.

O que importava era encontrá-la. Necessário e indispensável encontrá-la. Tivesse forças e correria o mundo. mas com a respiração mais e mais cansada, sua fraqueza física sempre a tolher-lhe os passos, só lhe sobrava ânimo de ir até a esquina.

Levantou-se do degrau. Tudo flutuava. A esquina fugia muito longe. O zelador veio segurar-lhe o braço. Livrou-se dele. Quem era ele para impedi-lo de procurá-la. O zelador chamou outras pessoas. Mãos o seguraram pelo braço.

Ele parou, encarou um, outro, outro, mais outro. O olhar de ódio correu em torno, as mãos trêmulas crisparam-se:

– Não vêem que preciso pedir-lhe perdão? Não vêem? Não vêem?

Capuz

– Eu vou por aqui e você corta por lá.

– Certo.

Eu não ia com a cara dele mas a proposta era boa. Tomar algum do velho endinheirado, unha de fome, que levava o apurado da jogatina e da droga para casa nos fins de semana. Ele era muito risonho e querido, fazia até caridade. Mas que era unha de fome, era. E voltava para casa seguindo o mesmo trajeto.

Ali perto do campinho de futebol, sempre deserto ao escurecer, alcançamos o velho no seu andar bamboleante. Meti o capuz, alguns passos atrás dele, e o meu parceiro logo à sua frente. O velho, surpreso e desorientado, olhou para ele e para mim. Disfarcei a voz:

– Passa tudo. Vamos.

O combinado era não machucar o velho. O parceiro quem pediu. Deu apenas um susto nele, que tomou e se apoiou na árvore. E voltei a disfarçar a voz, que isto sei fazer muito bem:

– Passa logo, velho.

Ele me entregou o embrulho amarfanhado, disfarçado em jornal velho, metido numa sacola. Permaneceu, sem uma palavra, escorado à árvore, respirando difícil. Pelo peso vi que a bolada era boa.

O parceiro fez sinal de cabeça para mim.

Sumimos e voltamos ao mesmo local. O parceiro, com aquele riso besta, sem capuz, esfregava as mãos:

– Não falei que era fácil?

Rasgamos os cheques, enterramos, e dividimos o dinheiro. Grana boa.

A notícia correu. E ninguém soube quem tomou o dinheiro do velho. Mostrei-me espantado:

– O quê!

Fui falar com o velho. Prometi ajudar a encontrar os dois. O meu parceiro era mais artista: jurou para o velho e para todos que pegaria os desgraçados.

Não demorou muito veio me propor nova parceria:

– É mais fácil do que tomar doce de criança.

Não topei. Era trabalho bem bolado e fácilimo. Mas não topei. Serviço limpo em bairro afastado. A gente não mexia com o pessoal da nossa zona. Muito amigo tinha capuz e se virava distante. Aceitei tomar a gaita do velho porque era unha de fome demais, e a gente sabia que a patota estava de olho nele.

Eu, como os outros, tinha capuz de várias cores, e camisas também de muitos tipos. A gente precisava se defender bem.

Mas não topei o novo convite do parceiro que tomou comigo o dinheiro do velho. Insistiu, insistiu, e eu não topei. Não sei porque nunca fui com a cara dele.

Ele se chateou e não mais me procurou para tomar o doce da criança. Foi atrás de outro. Mas eu conversava e tomava cerveja com ele na roda do bar. É que eu não ia com a cara dele. Sei lá. Ele nunca fez nada comigo, mas eu olhava para ele, aquele riso esquisito, e sentia uma espécie de raiva. Que foi crescendo dentro de mim.

Procurei o baixinho sarará, meu conhecido, de outra zona. A gente fez muito serviço bom junto. A gente era unha e carne. Mas ele ficava lá na zona dele e eu na minha.

Contei para ele o que eu queira. Topou na hora. Conhecia o cara só de vista, mas topou na hora. Comigo ele topava tudo. Até quando fomos comer na marra aquela dona bonita, à noitinha, lá do outro lado da cidade. Até quando salvamos aquela menina magrinha, que a enchente estava levando, e a mãe dela veio beijar a mão da gente.

Expliquei para ele tudo direitinho como eu queira.

– Só isto?

– Só.

Marcamos encontro no mesmo lugar onde me encontrei com o cara para tomar o dinheiro do velho. Eu não topava mesmo com ele. Não sei porquê. Todo

mundo gostava dele, ajudava muita gente, metia-se com a meninada na pelada lá no campinho, achando graça, só para brincar. Depois distribuía dinheiro com a meninada.

Ele morava numa ruazinha estreita, casa sem rebo-co, entre bananeiras. Era fácil.

Eu trazia o capuz no bolso, um novo, de cor avermelhada. O meu amigo sarará tinha também uma porção deles, de várias cores. Trouxe um preto. Avisei:

– Eu vou por aqui e você por lá.

– Falou.

E no meio do bananal, escurecendo, o meu amigo sarará pisou com força de propósito numas folhas e ele se virou. Aproveitei e dei duas enfiadas, uma nas costas e outra descendo de cima a baixo, na altura do pescoço. Ele caiu sem um ai e voltamos para nos encontrar.

O sarará elogiou o meu capuz e eu o dele. Eu apenas agradei a ele a ajuda no serviço e ele se mandou lá para a zona dele. Dei tchau e ele levantou a mão:

– Precisando...

Notei que a lâmina, ainda na minha mão, brilhava e dela escorria sangue. Limpei direitinho na grama alta, meti na bainha, e guardei por dentro do cóis da calça, no cinto, atrás das costas.

A notícia correu. Ninguém soube quem fez aquilo. Fiquei espantado:

– O quê!

Fui falar com a nêga dele, que até gostava de mim e deu pra mim umas duas vezes lá no bamburral, e prometi ajudar a encontrar o desgraçado que fez aquilo. Só podia ser gente de outra zona, porque todo o mundo gostava dele. Até o velho, que foi afanado, por mim e por ele, ficou triste:

– Coitado.

Ele tinha que sair do meu caminho.

É que eu não ia com a cara dele.

Pois é.

S.P. 02/02/2007

O copo azul

Já eram as ânsias da morte. Eram, sim. Observava-a detidamente ali se contraindo em dores na cama, rolando para um lado e outro, olhos esbugalhados, a boca a abrir-se desmesuradamente, como sufocada, buscando ar. E vinham as caretas de dor. As mãos não paravam. Comprimia os seios, rasgava o vestido róseo. Encolhia e estirava as pernas, a saliva escorria do canto do lábio, trêmula, e o som rouco e o gesto dos dedos da mão pareciam pedir-lhe socorro. E ele olhava fixo para o copo azulado, ali na mesinha.

Perdeu a coragem de continuar a vê-la nessa agonia. Pensava que fosse mais rápido e tranqüilo. Foi recuando, recuando. Saiu do quarto, ganhou a rua, um tanto desnorteado. Tudo deserto àquela hora. Caminhou rápido até a esquina, dobrou-a. Viu-a à janela. Fez-lhe sinal. Ela fechou a janela e apareceu à porta, nova, esbelta, risonha. Fez-lhe novo sinal e ela o acompanhou. Entraram na folhagem espessa do jardim, ali próximo. Beijaram-se alucinadamente. Ela o olhou curiosa:

– E então?

– Creio que a dose foi muito forte. Não sei quanto bebeu. O copo é escuro. Ela ficou lá em convulsões.

– Depois dessas convulsões, adeus. Vamos brincar um pouco aqui. Deixar passar umas duas horas.

Ela, tão jovem, tão bela, ajeitando ainda o vestido, arrastou-o depois de volta pela rua deserta e ensolarada. Ele resistiu para entrar em casa. Ela, decidida, olhou para um lado, para outro. Ninguém. Ele deixou escapar uma ponta de arrependimento:

– É minha mulher... sua tia...

Ela o puxou pelo braço:

– Era sua mulher, era minha tia. Vamos.

Entraram pisando em ovos, ouvindo os próprios passos. Foram diretos ao quarto. O susto dele foi de surpresa. O dela de perplexidade. A cama mostrava-se bem arrumada, fronhas e lençóis novos. A mesinha sem o copo azulado.

Caminharam para a sala de jantar. Os olhos dela irrequietos. O coração dele quase parado. E petrificados ficaram quando viram a mesa posta, xícaras à frente das cadeiras de encostos altos, os bules de louça fina. Biscoitos. Tudo bem posto sobre a toalha de pequenas estrias amareladas.

Ela, à cabeceira, bem vestida e cabelos prateados bem penteados, pronta para comandar a recepção. Encarou-os com ternura, gesto convidativo:

– Sente-se, meu marido. Sente-se, minha sobrinha.

Obedeceram como autômatos. E como num sonho viram que pessoas austeras, olhos neles, saíam de outro quarto e silenciosamente sentavam-se à mesa.

Ela, à cabeceira, meio sorriso de ironia, abriu uma caixa de papelão ali ao seu lado e dela tirou, para todos verem, o vestido róseo rasgado. Exibiu-o para a sobrinha:

– Olhe, querida, há vários rasgões nele. Você elogiou sempre este meu vestido róseo, inclusive o meu marido. Está praticamente imprestável, não acha? Uma prova a mais de que fui sempre uma boa artista dramática. Muito lhe ensinei de dramaturgia. Mas você, minha sobrinha, nunca passou de uma insignificante figurante.

Jogou o vestido e ele foi cair no colo da sobrinha, que não fez um gesto.

Ela, altaneira à cabeceira da mesa, abriu um gesto largo:

– Vamos à ceia. Sirva-se, minha sobrinha. Sirva-se, meu marido. Você sempre gostou do chá desta hora. Sirvam-se todos.

Apontou para os bules. Erguendo-se, em gesto teatral, levantou o guardanapo que cobria uma louça, no centro da mesa. Como entrando em cena, apareceu o copo azulado que o marido lhe dera, com um néctar dos deuses, como ele lhe dissera. E ela insistia:

– Sirva-se, meu marido. Sirva-se, minha sobrinha. Sirvam-se todos.

O marido flutuava. A sobrinha, gélida, flutuava.

E ela, sempre altaneira, à cabeceira, avisou:

– Depois estes senhores vão querer ouvir a história do conteúdo desse belo copo, que ganhei de presente. Obrigada, querido, pelo presente. Obrigada, minha sobrinha. Quem sabe você sugeriu a cor. Você sempre foi boa para isto, me deu bons palpites nas minhas compras, lembra-se Mas creio que não é lá grande coisa em néctar divino.

Sorveu um gole de chá, trincou uma ponta de biscoito, pegou um pedacinho dele, mirou o alvo, jogou-o em direção ao copo azul. Olhou para o marido, para a sobrinha, para as visitas, riu feliz:

– Acertei.

A gota latejante

Ocultava-se sempre. Não importava dia, hora, se chovia ou se o sol reverberava no céu azul. Ocultar-se era o que importava. Só se mostrava pela metade. Em pé, a meia porta vedava a metade dele, mas via-se que estava bem vestido, o vinco da calça descendo de cima a baixo, os dedos correndo ao longo da lapela do paletó, o sapato de brilho faiscante, cabelo bem penteado.

Sempre só. A metade dele. Nunca mostrava a outra metade, o lado esquerdo. Aquela metade era o seu todo, o seu visual. Tal como a Lua, que por mais que brilhe, nas noites enluaradas, guarda sempre o lado oculto.

Acompanhava-o o meio sorriso, quando ela passava, tímida e curiosa, uma fita rósea nos dedos, que o vento enrolava no seu braço, esvoaçando-lhe nos cabelos e no rosto. O meio sorriso dele ampliava-se, piscava para ela o olho, e ela ia virando a cabeça, envolvendo-se na fita, quase num gesto de adeus.

Qualquer hora que ela passasse lá estaria ele, a metade dele.

A curiosidade dela venceu a timidez e procurou se aproximar. Mas ele eclipsou-se e ela ficou decepcionada. Enrolou a fita, guardou-a no bolso da saia e desapareceu.

Ele permaneceu, mesma postura, metade dele, tal como sempre.

Somava-se apenas, na pálpebra inferior do único olho, uma gota latejante.

SP, 5/3/2008.

A lição

Não sei para onde estou indo. Não sei se retornarei.
A dúvida atroz me pára.

Volto.

Só assim extravasarei todo o meu ódio, que não é pequeno e cresce sempre. Pensei na fuga, tentei esquecer. Mas não esquecerei. Jamais.

Voltei para aplacar este ódio, que cresce e cresce.

E espero vencer a dúvida, palpitando, mãos nos bolsos, para lá e para cá.

E as horas não passam. Que não passarei. Nunca passarei.

Como se faz isto com uma criatura doce, meiga, os olhos tão tristes? Pois foi feito. Desgraçadamente foi feito.

O único remédio é aplicar a lição definitiva, que o ódio aumenta, aumenta tanto que me lateja.

E se transforma neste filete vermelho que me deixa perplexo ao vê-lo espalhando-se lentamente.

Após aplicada a lição.

SP., 13/02/2006

O opúsculo

– É um opúsculo.

– E para que você quer o opúsculo?

Saiu sem responder, faceira, menina quase moça, rebolando os quadris. Dobrou a esquina, desapareceu.

E eu fiquei ali roendo-me de raiva, jurando vingar-me, rilhando os dentes. Você me paga. E paga caro. Quem pensa que é?

Não demorou nem um dia. Dei de cara com ela, sob a árvore frondosa, frente à igreja. Ela encolheu-se pálida.

– E o opúsculo?

– Não está comigo.

– Como não está? Tome. Tome.

Cobri-a de pancadas. Ela foi ao chão, sujou-se de folhas e terra. E eu continuei chutando-a.

Ouvi zunido de freios. A rádio patrulha. Agarraram-me e socorreram-na. Justifiquei-me:

– Fiz isto por causa do opúsculo.

O policial encarou-a:

– É verdade?

Ela nada falou. Chorava, livrava-se das folhas presas no vestido, nas pernas e nos cabelos.

O policial deu-me razão:

– Você já se vingou. Pode ir. E você, moça, não dê fim ao opúsculo. Está ouvindo? Vá embora, vá.

A rádio-patrolha saiu em disparada, tocando a sirene, e ela voltou a dobrar a esquina. Ela sempre dobrava as esquinas. Dobrou até com o opúsculo.

Não mais a vi. Mas me inquieto e palpito para vê-la outra vez dobrando a esquina.

Sem o opúsculo talvez me controle. Mas se tornar a dobrar a esquina, qualquer esquina deste mundo, com o opúsculo, então minha decisão será outra. Tenho tudo traçado, nos mínimos detalhes.

Não perde por esperar.

SP., 27/2/2008 – às 8:38

Pois é

- Você me beijou.
- Pois é.
- Meu Deus. Eu nem lhe conheço.
- Pois é.
- Pois é o quê? Aqui na frente de todo o mundo.
- Pois é.
- Seu canalha. Sou casada.
- Pois é.
- Vou chamar a polícia. Que coisa horrível.
- Pois é.
- Você é maluco. Saia daqui.
- Pois é.
- Que coisa mais louca.
- Pois é.
- Três dias depois.
- O quê! Você de novo?
- Pois é.
- Me beijou de novo, aqui na feira.
- Pois é.
- Está todo mundo olhando.

– Pois é.

– Vou fazer um escândalo

– Pois é.

– Me deixe em paz. Sou uma mulher casada.

– Pois é.

– Vou contar para o meu marido para lhe dar uma grande surra.

– Pois é.

– Suma. Desapareça da minha vida.

– Pois é.

Dois dias depois.

– Outra vez? Aqui perto da minha casa?

– Pois é.

– Você sabe onde moro, não sabe?

– Pois é.

– Vou lhe dizer uma coisa. Você anda me perseguindo.

– Pois é.

– Me beijar de surpresa, sempre que se encontra comigo. Por quê?

– Pois é.

– Pois é. Pois é. Você deve estar querendo outra coisa.

– Pois é.

– Desapareça de uma vez, senão falo para meu marido.

– Pois é.

– Vá embora. Suma.

– Pois é.

Quatro dias depois.

– Santo Deus! Me pegou de surpresa.

– Pois é.

– Tem gente passando.

– Pois é.

– Você gosta de mim?

– Pois é.

– Você não tem jeito.

– Pois é.

– Agora me dá vontade de rir.

– Pois é.

– Você é totalmente biruta, sabia?

– Pois é.

– Não tem jeito mesmo. Vá embora, vá.

– Pois é.

Dois dias depois.

– Você. Sempre você, hem.

– Pois é.

– E agora debaixo desta árvore, chovendo.

– Pois é.

– E desta vez foi na boca.

– Pois é.

– Gostou?

– Pois é.

– Até que você não é feio.

– Pois é.

– Eu podia fechar esta sombrinha e bater com ela na sua cabeça.

– Pois é.

– A chuva engrossou.

– Pois é.

– Não tem ninguém nesta rua.

– Pois é.

– Olhe nos meus olhos. Quer me beijar de novo?

– Pois é.

– Chegue para cá, pronto. Isto mesmo. Vou fechar os olhos e você me beija. Na boca. Gostou?

– Pois é.

– Fiquei meio sufocada. Quer de novo?

– Pois é.

– Estou sem fôlego. Acho que ninguém passa por aqui com esta chuva. Venha cá. Deixe eu fechar a sombrinha. Agora me abrace. Está todo molhado.

– Pois é.

– Agora assim, assim. Está ótimo... ótimo... ótimo...

– Pois... é...

Caíram sobre o latão de lixo e o gato saiu de dentro dele na disparada.

Miando.

SP. 01/03/2008 – às 10:50 – em casa.

O encontro

Olhando pela janela, o carro na disparada, vi a casa dela. Um pouco distante da estrada, austera, mais envelhecida. O gradeado, que a cercava, enferrujado. Um pequeno convento, sozinho no descampado, árvores esparsas.

– Pare. Pare.

O motorista parou.

– Vá voltando. Até em frente daquela casa. Isso.

O carro ali ficou parado e eu olhando, olhando.

– Espere um pouco.

Desci, caminhei pela vereda estreita, parei diante do gradeado enferrujado.

Tentei abri-lo. Não consegui. Bati palmas. Pus as mãos em concha na boca e gritei. Um homem, apoiando-se numa bengala, veio vindo.

– Mora alguém nessa casa?

– Mora.

O vulto feminino apareceu na janela meio aberta, olhou, olhou, e veio calmamente. O homem se foi manquitolando e ela ficou ali parada, segurando o velho

gradil. Olhei-a nos olhos. Olhou-me nos olhos. Moveu os lábios, dentes falhos:

– Você.

Eu não tirava os olhos dela:

– É.

As mãos dela e as minhas aproximaram-se e não se tocaram. Olhamo-nos demoradamente, uma eternidade. Olhos nos olhos. Os dentes falhos dela voltaram a surgir:

– Você.

– É.

Minhas mãos soltaram a velha grade, as dela também. Ela voltou-se e caminhou lentamente em direção à casa e eu em direção ao carro. Vi-a entrar e fechar a porta e a banda da janela.

Na paisagem ficaram apenas a casa silenciosa no descampado e as árvores dispersas.

Acomodei-me no carro. Suspirei:

– Vamos.

Fortaleza, 02/06/2008.

A decisão

Parou diante da mureta e ficou olhando o mar sereno a perder-se de vista. Lá longe a linha do horizonte. Correu a vista da esquerda para a direita, da direita para a esquerda. Suspirou. E ficou parado, sem pensar nada, olhando, olhando. Voltou a suspirar, os pulmões plenos de ar, e o cheiro da maresia. Fechou os olhos, neutro, em paz, como se rezasse.

Com o suspirar mais forte saiu do devaneio:

– É isto aí.

Ajeitou a gravata, fechou o paletó, entrou no carro ali próximo estacionado, dirigiu-se para casa.

Encontrou-a bem vestida, abrindo e fechado gavetas e móveis.

Ao vê-lo, encarou-o com rancor:

– Você teve coragem de voltar? Vou-me embora, já me decidi. Chega. Estou levando só o que é meu.

Ele encaminhou-se para o quarto, trancou-se. Logo voltou e ainda pensou em dirigir-lhe algumas palavras. Mas tudo já fôra dito. Ela continuava a abrir e fechar gavetas, guarda-roupa, objetos sobre a cama.

Ele retornou ao carro, ouvindo ainda:

– Só volte quando eu não estiver mais aqui. Não vai demorar muito.

Entrou no carro e voltou a ficar de pé junto à mureta, o mar sereno à sua frente. Lá longe a linha do horizonte. Correu a vista da esquerda para a direita, da direita para esquerda. Respirou fundo o ar acariciante que chegava com cheiro de maresia. Fechou os olhos e postou-se como se rezasse.

O velho mendigo, ali perto, virou-se assustado com o estampido.

SP., 04/04/2008.

Caminhada

Aqui no meu gabinete, meus livros, minhas lembranças, alegrias, tristezas e sustos. Aqui sozinho e o sol lá fora. E ela surge, pouco mais que a sombra dela. Postou-se junto à porta e esperou.

Então pigarreei, saí dos devaneios como de um mergulho, tomei-a pela mão, descemos para a rua e para o dia bonito. Poucas pessoas transitavam no jardim. Os mesmos bancos. Dentre eles o nosso. E o velho bar na esquina, tão velho que parecia mais encolhido.

Sentamo-nos e ficamos calados, olhando, olhando o que olhávamos sempre.

Estirei as pernas cansadas, relaxei, os cotovelos apoiados no encosto do banco. E o céu, azul, azul. E aquele pássaro que voou da árvore antiga para a outra antiga. E o bar, lá na esquina, silencioso, cansado, mesas e cadeiras desocupadas na calçada.

Ela ficou passando a mão nos meus cabelos ralos:

– Você precisa mudar essa camisa.

Suspirei com a carícia leve dos dedos nos meus cabelos:

Caio Porfírio Carneiro

– Você me disse isto no dia em que nos conhecemos, há sessenta anos, quando passou, pela primeira vez, a mão nos meus cabelos.

SP., 17/01/2008

A travessia

– É apenas um pulo para atravessar este riacho. Sem medo. Uma corridinha, um pequeno impulso, e pronto. Então você me espera que será a minha vez. Combinado? Vá. Isso. Sandálias na mão, claro. Do outro lado você lava os pés. Vamos lá. Dê uma corridinha. Isso. Vá. Vá. Pule. Beleza. Viu como foi fácil? Agora lave os pés e calce as sandálias. Não precisa enxugar. O calor enxuga rápido. Pronto. Agora se afaste um pouco que vai ser a minha vez. Vou atravessar.

Ela deu-lhe as costas, saiu andando, sem se virar:

– Você não precisa atravessar. Nunca mais.

E perdeu-se na vereda.

Fortaleza (CE), 26/09/2008 – às 17:50

Pássaros

Pássaros em revoada, em dispersão repentina. De todos, fixei a vista em um só, que se foi diminuindo na distância, apagando-se lentamente. E continuei olhando, inconscientemente buscando-o, e só me surgiu uma nuvem, uma pequena nuvem branca, navegando lentamente no azul. Não pensei nada. Só ali fiquei.

Então a voz sumida, ali perto, fracamente chegou-me ao ouvido:

– O senhor está olhando o quê?

Encarei-a ao meu lado, sentada no meio fio. Um trapo.

– Os pássaros. Olhava os pássaros. Um em especial.

– Não adianta nada.

– Por quê?

– Porque eles sempre vão embora.

Imunda, envelhecida, dedos trêmulos.

– Quer uma ajuda?

Encolheu-se mais, embrulhou-se no pano de cor indefinida, bordado de furos. Balançou a cabeça afirmativamente.

Dei-lhe uma nota, sem examinar o valor. Guardou-a entre os seios e se manteve em silêncio.

Demorei-me um pouco olhando a nuvem distante, navegando no céu, lá onde sumira o pássaro. Depois olhei para ela, tão perto e encolhida, sozinha de tudo.

Suspirei:

– Já vou.

Ela tossiu:

– Passe aqui amanhã nesta hora que volta tudo e vai embora.

– Quem?

– O bando de pássaro.

– Sei.

Voltei. E os pássaros vieram. Pousaram na grande árvore e, de repente, foram-se em bando. Olhei longamente um apenas, que se perdeu na distância.

Nenhuma nuvem apareceu.

Nem ela.

SP., 17/1/2009

Obras publicadas

Trapiá (contos), Ed. Francisco Alves, Rio, 1961. Mais quatro edições posteriores: Coleção Saraiva, São Paulo; Editora Cátedra, Rio de Janeiro; Ribeirão Gráfica Editora, Franca, SP e Editora da Universidade do Ceará.

O conto *O Padrinho* foi traduzido para o alemão e o *Come-gato* adaptado para a televisão.

Bala de Rifle (novela policial), em capítulos no jornal *Última Hora*, SP, 1963. Não levada ao livro.

O Sal da Terra (romance), Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1965. Mais duas edições pela Editora Ática, São Paulo.

Traduzido para o italiano e árabe. Adaptado em roteiro técnico para o cinema.

O Meninos e o Agreste (contos), Ed. Quatro Artes, SP, 1969; 2ª edição pela mesma editora, em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. Menção Honrosa do *Prêmio Governador do Estado de São Paulo*.

- Uma Luz no Sertão* (romance-reportagem), Editora Clube do Livro, SP, 1973; 2ª edição, Editora Claridade, São Paulo, 2007.
- O Casarão* (contos), Ed. do Escritor, SP, 1975. Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, S. Paulo. Menção Honrosa do Pen Clube de São Paulo.
- Chuva - Os dez cavaleiros* (contos), Ed. Hucitec, SP, 1977. Adaptado em roteiro técnico para o cinema.
- O Contra-Espelho* (contos), Traço Editora, SP, 1981.
- 10 Contos Escolhidos*, Coleção 10 Contos – Ed. Horizonte, Brasília, 1983, em convênio com o Instituto Nacional do Livro.
- Viagem sem Volta* (contos), Ed. Seiva, SP, 1985.
- Quando o Sertão Virou Mar...* (Lit. Juvenil), Cia. Ed. Nacional, SP, 1986.
- A Oportunidade* (novela), Ed. Mercado Aberto, P. Alegre, 1986.
- Profissão: Esperança* (Lit. Juvenil), Ed. do Brasil, SP, 1986.
- Da terra para o mar, do mar para a terra* (Lit. Juvenil), Ed. FTD, SP, 1987. Várias edições.
- Três Caminhos* (novela), Ed. FTD, SP, 1988. Várias edições.
- Dias sem Sol* (novela), Ed. Illa Palma – S. Paulo/Palermo, Itália, 1988.
- Rastro Impreciso* (poesias), Scortecchi Editora, SP, 1988.
- Os Dedos e os Dados* (contos), Ed. Pontes, Campinas, S. Paulo, 1989.

- Primeira Peregrinação* (reminiscências), Scortecci Editora, SP, 1994.
- A Partida e a Chegada* (contos e narrativas), Ed. Toda Prosa, SP, 1995.
- Cajueiro sem Sombra* (Lit. juvenil), Ed. Saraiva, SP, 1997. Várias edições.
- Mesa de Bar* (quase diário), Ed. Toda Prosa, SP, 1997.
- Contagem Progressiva* (memórias), Universidade Federal do Ceará, 1998.
- Perfis de Memoráveis* (autores brasileiros que não alcançaram o terceiro milênio), RG Editores, SP, 2002.
- Uma Nova Esperança* (Lit. Juvenil), Editora Nativa, (em parceria com Maria José Viana e Paulo Veiga), SP, 2002.
- Maiores e Menores* (contos), Alpharrábio Edições, Santo André, SP, 2003.
- A Vocação Nacional da UBE – 62 Anos* (histórico da UBE desde a sua fundação), em parceria com J. B. Sayeg, RG Editores, SP, 2004.
- Gramíneas* (miscelânea literária), Scortecci Editora., SP, 2006.
- Respingos de uma viagem* (opúsculo literário), Scortecci Editora, SP, 2008.



Impressão e Acabamento:

Gráfica Scortecci

Telefax: (11) 3815-1177

www.graficascortecci.com.br

grafica@graficascortecci.com.br